

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
INSTITUTO DE LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**DA MÃO QUE EMBALA O BERÇO, A MÃO QUE EMPUNHA A PENA:
A LITERATURA FEMININA EM A VIOLETA**

**PONTES E LACERDA/MT
JUNHO/2011**

MARIA DE LOURDES BORGES MELO

**DA MÃO QUE EMBALA O BERÇO, A MÃO QUE EMPUNHA A PENA:
A LITERATURA FEMININA EM A VIOLETA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas, sob a orientação do Prof. Ms. Epaminondas de Matos Magalhães

**PONTES E LACERDA – MT
JUNHO/2011**

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
INSTITUTO DE LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

MARIA DE LOURDES BORGES MELO

**DA MÃO QUE EMBALA O BERÇO, A MÃO QUE EMPUNHA A PENA:
A LITERATURA FEMININA EM A VIOLETA**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR:

Prof. Ms. EPAMINONDAS DE MATOS MAGALHÃES

EXAMINADORA:

Profª Dra. MARINEI ALMEIDA

EXAMINADORA:

Profª Drª. ROSELY A. ROMANELLI

PONTES E LACERDA, JUNHO DE 2011

Dedico aos meus pais Antonio Percílio Borges e Maria Madalena Borges, aos meus filhos José Olimpio de Melo Junior, Sâmyla Ellen Borges Melo e Vivian Yasmim Borges Melo, por partilharem de minhas angústias e por terem me feito filha, mãe e um ser humano melhor a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os que compartilharam, contribuíram e participaram de alguma forma do meu caminhar bem como do sucesso alcançado. Alguns, porém, se faz necessário que sejam reconhecidos especial e especificamente:

À Deus, Espírito que me aquece, luz no início, meio e fim do túnel do tempo de minha existência, por ter me concedido o dom da vida, por ter erguido-me todas as vezes que estive no chão. Por ter me feito forte o suficiente para não abandonar meus sonhos.

Ao meu professor, orientador e grande amigo Epaminondas, por não ter desistido de mim, por acreditar na minha capacidade tão singela.

Aos meus irmãos Zezinho, Divina, Carminha e Marcinha por compartilhar comigo o mesmo sangue de força e fé dos Borges.

Ao meu amigo e confidente Cristiano Ribeiro de Matos, pela amizade, por partilhar comigo seus dias, pelo privilégio a mim concedido na realização de trabalhos, estágios e estudos ao lado de uma inteligência tão rara. Foram momentos inesquecíveis de estudo e de grandes descobertas.

Aos amigos Amilton, Mirian e Cristiano Dutra, companheiros de estudos, brincadeiras e deliciosas festas, pela amizade acima de tudo durante todos esses anos de curso.

Às amigas Poliana Cristina Pazos e Marilene Paim, minhas eternas meninas, que por um motivo ou outro de forças alheias as nossas vontades nos afastaram no decorrer do curso, mas permanecendo amigas apesar dos desencontros.

À amiga Elbia, pela força, pelo carinho no primeiro semestre de inexperiência, auxiliando nos meus estudos.

Às amigas e colegas de trabalho Alba Poliana, Cleri e Dra. Terezinha, grandes incentivadoras, pela enorme colaboração nas tantas tardes que deixei de lado meus deveres para realizar meus trabalhos acadêmicos. Apoio imprescindível para que eu pudesse ir ao encontro de minhas realizações.

Às professoras Rosely e Marinei por aceitarem o convite em fazer parte da banca examinadora, pelo incentivo, pela contribuição e respeito ao meu trabalho, apesar das minhas incapacidades. Suas críticas e indicações enriqueceram meu trabalho.

À professora Doutora Yasmin Nadaf, pela fineza, delicadeza e gentileza a mim dispensadas, na doação de seu tempo e seu apoio imprescindível na realização desse trabalho.

Aos professores e funcionários da UNEMAT, responsáveis pela minha formação, por ter me acompanhado e me feito descobrir o caminho das letras.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui.
MEU ETERNO MUITO OBRIGADO!



Mulher (Sexo Frágil)
Erasmo Carlos e Narinha

*Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda
Eu que faço parte da rotina de uma
delas
Sei que a força está com elas
Vejam como é forte a que eu conheço
Sua sapiência não tem preço
Satisfaz meu ego se fingindo submissa
Mas no fundo me enfeitiça
Quando eu chego em casa à noitinha
Quero uma mulher só minha
Mas pra quem deu luz não tem mais
jeito
Porque um filho quer seu peito
O outro já reclama a sua mão
E o outro quer o amor que ela tiver
Quatro homens dependentes e
carentes
Da força da mulher
Mulher, mulher
Do barro de que você foi gerada
Me veio inspiração
Pra decantar você nessa canção
Mulher, mulher
Na escola em que você foi ensinada
Jamais tirei um dez
Sou forte mas não chego aos seus
pés...*

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	14
CAPÍTULO II	26
CAPÍTULO III.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

RESUMO

O início do século XX foi um período de significativas mudanças para o Mato Grosso. A chegada da nova república renovou não só as perspectivas de desenvolvimento para o Estado, mas, ao mesmo tempo, abriu a possibilidade para que o Estado se mostrasse para o resto do país. Levando-se em consideração essas mudanças, sobretudo na primeira metade do século XX, a imprensa se apresentava como espaço privilegiado nos qual as elites dominantes travavam seus embates, expressavam pontos de vista e emitiam seus projetos de desenvolvimento econômico e social. Os escritores e jornalistas colocavam seus esforços para contribuir com o desenvolvimento do estado e de seus patrícios. Este trabalho centrou-se no estudo sobre a escrita feminina com base na revista mato-grossense *A Violeta*, observando especificamente a maneira que as mulheres se faziam representar, por que e de que maneira eram reproduzidas tais representações e qual o lugar social de sua produção.

Palavras-chave: Imprensa; Mulher; Literatura.

ABSTRACT

The early twentieth century was a period of significant change for the Mato Grosso state. The arrival of the New Republic, not only renewed the prospects of development for the State, but at the same time, opened the possibility for the State to show the rest of the country. Taking into account these changes, especially in the first half of the century, the press is presented as a privileged space in which the ruling elites dominant fought their battles, expressed their point of view and send your projects economic and social development. The writers and journalists put their efforts to contribute to the development of state and his countrymen. This work focuses on the study of women's writing in the magazine based Matogrossense "A Violeta," looking the way that women were represented, why and how such representations were played and what the social place of its production.

INTRODUÇÃO

Quando iniciamos um curso superior não sabemos exatamente para que rumo iremos. As curvas da memória, os caminhos da percepção, a busca incessante de conhecimentos se abre, transportando-nos para um novo mundo, desconhecido até aquele momento. Assim, nessa busca do saber que me deparei com o curso de Licenciatura em Letras. E foi entre a linguagem formal, a lingüística, a língua inglesa, a sociolingüística, a morfologia, a sintaxe e os clássicos da literatura que conheci a riqueza das palavras e o verdadeiro prazer da leitura. Foi também, entre mil explicações e centenas de trabalhos que descobri meu fascínio pela literatura.

Olhamos a literatura como forma de conhecimento do mundo e do ser, uma vez que na ficção encontramos a essência humana, suas reflexões mais importantes, seus medos e seus problemas. Destacamos ainda, que a literatura possui a função educativa, quando consiste no fato de provocar impacto e indagações da própria vida, além de responder às necessidades humanas. Como nos afirma Cândido *a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante*. (CÂNDIDO, 1995, p 249).

Aprender literatura não seria apenas adquirir um conjunto de informações biográficas e conceituais de poesias, passear pelas leituras e conhecer as imagens que são construídas. É preciso, acima de tudo, avaliar os objetivos a serem alcançados na leitura. Literatura implica conhecimento de si, do mundo, emoções e humanização, que devem acompanhar qualquer processo de conhecimento entre autor e leitor.

A literatura é trabalho com a linguagem. E a linguagem é a representação das idéias. Se a literatura é trabalho com a linguagem ela move os sentidos das palavras que se tornam artifícios de arte para quem escreve. A linguagem, nesse sentido, é imagem, a mais próxima que se pode ter do mundo. Ou seja, a literatura não se refere a uma imagem do mundo em si, mas a uma imagem da linguagem, de como o mundo pode ser significado na escrita.

Aliada à literatura, a imprensa presta um trabalho muito importante registrando e resgatando momentos históricos e da vida cotidiana. A imprensa além de registrar, comenta, distrai e forma opiniões. Por meio de suas imagens e palavras nos dá a possibilidade de reencontrarmos valores e comportamentos esquecidos.

A imagem da linguagem literária usada por quem escreve é a imagem do desvio, de possibilidades outras de sentido, de re-significação, de invenção do mundo. Também é a

linguagem de se voltar para si, para refletir seus próprios usos, suas situações e suas indagações.

Através da literatura o ser humano sai do lugar onde se encontra individualmente e passa a fazer parte com o social. Uma modalidade presente desde o início do século XIX, mas com maior representação no século XX foi a imprensa feminina, usada como forma de expressar emoções e reflexões diante do mundo, ampliar seus conhecimentos e se questionar sobre a condição humana. No entanto, este questionamento só ocorre a partir do momento em que o ser humano se lança neste mundo da arte e da leitura literária, imergindo na fantasia e imaginação representada através da condição humana.

No decorrer do curso ao tentar me lançar nesse mundo literário, fui descobrindo a riqueza da literatura mato-grossense. Ao apresentar a idéia inicial ao possível orientador, pude a princípio ver-me com devaneios de principiante. Com o passar do tempo o desejo foi amadurecendo e tomando corpo de um recorte mais objetivo. Orientada, o esboço inicial sofreu transformações pertinentes e após anotações, observações e considerações fundamentais, as idéias tomam forma de objeto.

Pensando na literatura mato-grossense enquanto estudo, caracterizamos a sua variedade no tempo e no espaço, enquanto manifestações de maneiras diferenciadas de perceber o universo e também sua cultura. Assim, o tempo e espaço se tornam apenas elementos históricos que valorizam a arte literária, uma vez que a literatura não pertence a nenhum lugar, mas, pelo valor e beleza que têm, pertencem à humanidade, de todos os tempos e de todos os lugares. Assim, pensar e discutir o conceito de literatura mato-grossense, sendo este um terreno movediço, visto que definir um conceito tão abrangente como esse não é algo tão simples, neste sentido, tomaremos como base as idéias de Leite (2001), acerca de tal conceito.

Podemos então, entender por literatura mato-grossense todos os textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou que nele residem, ou tenham residido, contribuindo para o enriquecimento da cultura do Estado. (LEITE, 2001, p 18).

Há que se considerar que tal premissa resolve, até certo ponto e parcialmente, a questão da literatura desenvolvida neste Estado. Assim, o conceito é uma forma objetiva de dizer por quem é construída essa literatura. E, pensando nas questões da literatura em Mato Grosso e nesta como enriquecedora da Cultura do Estado é que vamos encontrar a literatura feminina no início do século XX, expressa na revista *A Violeta*, nosso corpus de pesquisa.

Assim, como falamos em imprensa, estamos discutindo a comunicação como prática social e para esta devemos, portanto, estar atentos às mudanças nas formas de sociabilidades que ocorreram no decorrer dos tempos ditos como modernos. A posição da mulher mato-grossense do início do século XX é um ótimo exemplo de que as mudanças sociais e culturais afetaram toda a vida de uma sociedade. As mudanças de posições sócio-culturais dessas mulheres criaram de certa maneira, uma necessidade de outras amplas mudanças, imprescindíveis para elas mesmas e para os homens. A criação da revista *A violeta* proporcionou às suas colaboradoras um caminho de construção de si mesmas como sujeitos, revendo conceitos, transformando os ambientes domésticos e a sociedade.

Esse nosso pensamento se confirma nas palavras de FREIRE que diz:

A abordagem comunicacional da questão da modernidade numa revista feminina provinciana permite surpreender a constituição de um fluxo de comunicação alternativa à comunicação masculina dominante na província, possibilitando vislumbrar em que medida as protagonistas da revista se constituem como sujeito, construindo sua identidade, ou meramente reproduzindo valores tradicionais, reforçando sua continuidade. (FREIRE 2007, p 17).

As protagonistas desse periódico feminino apesar de viverem num estado visto como de pouca cultura distante dos centros de produções culturais souberam se mostrar e despertaram interesse e relevância veiculando opiniões, acontecimentos políticos e sociais emergindo o discurso feminino e contribuindo assim para a história e para a comunicação de Cuiabá com outros centros do país numa época marcada por rupturas e contradições.

Nesse sentido, buscamos com esse trabalho refletir sobre alguns fatores muito significativos que levaram a essas mulheres assumirem um papel inédito tanto no campo social quanto no das relações de gênero, rompendo com alguns códigos de sua época. Pretendemos entender a participação da mulher nesse contexto social, encontrando informações, que colaborem para uma compreensão mais ampla da construção social da identidade feminina que, a partir dessa época passa por intensas transformações.

A participação feminina nas agremiações e na imprensa pode ser tomada como um indicador das rupturas iniciais, que estavam ocorrendo nos papéis tradicionais de gênero. A escrita que analisamos mostra que a condição inicial da ruptura dos modelos tradicionais de gênero não se dava em função da participação minoritária de algumas mulheres, mas, principalmente, pela indicação de uma participação diferenciada: elas raramente ocuparam lugares de comando nas organizações.

O nosso trabalho divide-se em três capítulos gerais, nos quais buscaremos desenvolver uma escrita que possibilite a compreensão da importância dos fatos históricos relatados pela mulher e para a mulher. Fatos esses responsáveis pela revelação do verdadeiro papel da mulher na família, no trabalho e na sociedade.

No primeiro capítulo, procuramos tratar um pouco do Grêmio Literário Júlia Lopes, tutor e responsável pela circulação do periódico *A Violeta*. Ainda no primeiro capítulo damos uma amostra de quem eram as redatoras e colaboradoras do periódico. Tratamos também a repercussão que se deu na imprensa mato-grossense da época pela criação desta revista feminina.

Ao discutirmos a participação da mulher nas agremiações e na imprensa, percebemos que a presença feminina nessas entidades refletiu num processo de libertação da mulher, uma vez que tais grupos proporcionaram uma contestação à ordem estabelecida em todos os níveis, embora os discursos apresentados pela revista nos mostrem que em nenhum momento ficou evidente uma discussão de caráter eminentemente feminista.

O segundo capítulo traz uma reflexão sobre a escrita feminina, que inicialmente se mostra tímida, doce, meiga e mais ao final uma escrita mais possuidora de poderes enquanto filhas, mães esposas e cidadãs trabalhadoras lutando pelo seu valor na sociedade.

Devemos, portanto, admitir que no momento de participação dessas mulheres na imprensa, se deu o início de um rompimento com o estereótipo da mulher restrita ao espaço privado e doméstico, enquanto mãe, esposa, irmã, filha e dona de casa, que vivia em função do mundo masculino.

No terceiro capítulo procuramos concluir nosso pensamento, buscando nas páginas da própria revista encontrar as respostas para nossas indagações. Compreender o tímido processo de transformação da mentalidade de uma sociedade num período de regime machista e conservador.

Lembrando que nosso trabalho não pretende esgotar o assunto em questão, mas tem por objetivo abrir portas e provocar desejos, para que outros dêem continuidade ao assunto aqui abordado em meu singelo trabalho.

Gostaríamos de deixar registrado, aqui, que em todas as citações a escrita foi mantida tal e qual a grafia da época, portanto não deverão ser considerados os padrões ortográficos da época em algumas palavras escritas.

CAPÍTULO I

A Violeta: a flor do sertão Mato Grossense

As flores são como a gente. Há pessoas comportadas e sisudas, saem só ao dia, recolhem-se cedo, não dão que falar de si. Outras, porém, chegam a trocar a noite pelo dia. A maravilha, a boa noite, a estrela da noite; só abrem depois das aves-marias; o cactus ou flor do baile tem uma vida noturna intensa e boêmia: é amante do luar.

Outras flores são tão delicadas, que murcham ao sol forte e morrem se as colhemos; tão meigas, que parecem feitas de veludo: ao acariciá-las, retiramos a mão ungida de um suave perfume delicioso. Há mulheres que são assim, na vida.

(LE MOS, Floriano de. “Flores e moças”. A Violeta 7:5, de 23 de março de 1917).

Para compreendermos melhor o lugar de análise é necessário alcançarmos, além da fonte do espírito romântico da mulher que revolucionou o seu tempo, em todas as manifestações artísticas e em todos os conceitos estabelecidos, seja por maneira de contágio, ou mesmo pelo desenvolvimento das novas maneiras de expressão, um espírito crítico sobre o papel dessa mulher e do lugar que ela ocupa no cenário mato-grossense.

As associações de caráter literário eram uma constante no início do século XX e dentre essas associações, sendo este a base de nosso trabalho, o Grêmio Literário “Júlia Lopes”, segundo Nadaf (2002), *[a entidade cultural] atuou nas mais diversificadas áreas e constituiu-se na maior e mais duradoura entidade do gênero*. O Grêmio Literário “Júlia Lopes” nasceu em 26 de novembro de 1916, e era composto por um grupo de jovens normalistas formadas no ano de 1915 na “Escola Normal de Mato Grosso”. Para confirmar isso encontramos a seguinte consideração:

Idealizado e administrado por um grupo de mulheres, o grêmio foi instalado em Cuiabá, capital do Estado, na data de 26 de novembro de 1916 e sua duração atravessou quase meio século, desaparecendo no começo da década de 1950. Ao longo de sua existência, desenvolveu uma programação intensa nas áreas da cultura, da literatura, do assistencialismo, da política partidária e progressista, do saneamento médico e urbano e do crescimento da mulher e sua expansão na vida pública. (NADAF, 2004, p. 46).

O Grêmio Literário teve grande atuação na vida dessas mulheres e nas letras mato-grossenses, até meados do século XX. O nome do grêmio foi dado como homenagem à escritora Júlia Lopes de Almeida, considerada um exemplo a ser seguido pelas mulheres intelectuais da época, segundo o que nos escreve NADAF:

Escritora modelo para as intelectuais e mulheres do início do século XX, Júlia Lopes de Almeida (RJ, 24/09/1862 – 30/05/1934), fez-se intensamente presente na vida literária feminina de Mato Grosso. Seus romances, contos, crônicas, textos didáticos entre outros escritos foram avidamente aceitos e consumidos pelas leitoras da região. (NADAF, 2004, p. 45).

As jovens normalistas ligadas a outras senhoras da sociedade, interessadas em cultivar as letras femininas, com o intuito de expandirem seu ideário, criaram uma revista bimensal, que logo depois, se tornou mensal. A revista *A Violeta* nasceu em 16 de dezembro de 1916 e foi motivo de comentários na imprensa local, através dos jornais da época “A Gazeta Oficial”,

“O Povo” e “A Cruz”, evidenciando assim, o ousado gesto feminino ao criar a revista. Essa manifestação da imprensa local fica evidente na citação feita por Nadaf (1993).

Temos sobre a nossa mesa de trabalho o primeiro número da primorosa revista “a Violeta”, órgão do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, que circulou no dia 16 do corrente. A sua colaboração é bastante variada e atraente e pinta perfeitamente o gosto e a fina delicadeza das gentis senhoras e senhoritas de que se compõe o seu corpo redatorial. Merece palmas e francos elogios essa iniciativa das distintas conterrâneas, que por essa forma proclama bem alto que em Mato Grosso o belo sexo pensa e faz. (*Gazeta Oficial*, apud NADAF 1993, p 24)

Ao finalizar a nota, onde se acentua “o belo sexo pensa e faz”, denota-se evidentemente a visão machista e preconceituosa que se tinha das mulheres desta época. Assim, verifica-se a intenção, não apenas de publicar, dessas mulheres, mas também de se constituírem como sujeitos dentro dessa sociedade, de se fazerem visíveis como seres pensantes.

Ainda sobre as notas publicadas nos jornais, José de Mesquita ainda muito jovem e redator do jornal *O Povo* se mostrou surpreso com a idéia pioneira das mulheres.

Reunindo-se sob a égide de uma escritora que honra o seu sexo e a nossa raça, esse pugilo de senhoras e senhoritas (refere-se às fundadoras do Grêmio Literário “Julia Lopes”) acaba de assinalar uma conquista de extraordinário alcance no domínio intelectual e com seu gesto de coragem, diremos mesmo de audácia, abre um exemplo digno de imitação por parte dos poucos que entre nós de dedicam aos ideais superiores da Arte. A “Gazeta Oficial” que registrou essa grata notícia, numa das suas últimas edições, acrescentou ainda que se trata, entre as distintas associadas do Grêmio, da publicação de uma revista puramente literária que atenderá ao nome de *A Violeta*. É animador e consola o espírito céptico dos que descrêem do nosso progresso ver, numa época ainda de rudes preocupações materiais, uma iniciativa como esta. Partindo de quem estava no caso de seguir o exemplo outrem, mas que absolutamente não se esperava que viesse, como veio, a dar o exemplo para ser imitado. (*O Povo*, apud NADAF 1993, p 24)

As palavras de José de Mesquita apontam para uma visão modernizadora desse Estado, ao termos iniciativas que rompem como as situações machistas, visto que um grupo de mulheres iniciam a publicação de um periódico literário em um momento em que as preocupações deste Estado voltam-se para outros pontos: consolidação física, através do desbravamento e da expansão. Aqui, acreditamos que as autoras também contribuem com

essa intenção, mas de outra forma, pelas letras, na constituição da identidade deste Estado, que também passa pela autoria feminina.

Nadaf também citou o que publicou o jornal *A Cruz*:

Toda perfumada como a mimosa flor que lhe serve de título, surgiu no campo da imprensa “A Violeta”, linda revista do “Grêmio Literário” que um grupo de senhoras e senhoritas desta cidade acaba de fundar (...).

Oh! Exmas. Senhoras e gentis senhoritas, podeis muito para o engrandecimento moral de nossa sociedade! Deus dotou os vossos corações de uma influência que, bem dirigida, conforta, eleva, abrande, apazigua, idealiza, e, pois que ainda Ele depositou em vossas almas um instinto muito seguro do que convém a vós mesmas, nós esperamos muito do “Grêmio literário” que fundaste e do vosso porta-voz a mimosa e perfumada “A Violeta”. (*A CRUZ*, apud NADAF 1993, p 25).

Todas as manifestações citadas por Yasmin Nadaf revelam o apoio da mídia local, bem como a surpresa da imprensa inteiramente masculina, ao ver a beleza do trabalho realizado pelas mulheres cuiabanas. Percebemos nos discursos, que se acreditava muito na possibilidade de concretização do desejo feminino de publicar o periódico. O gesto do sexo “frágil”, além de pioneiro foi visto como inovador e inédito no Estado.



1.1-Vozes femininas no universo das letras mato-grossenses

Para discutir periódicos femininos como *A Violeta* devemos, antes de tudo, pensar no verdadeiro papel dos meios de comunicação, em transmitir informação e apresentar um conteúdo simbólico significativo, na imensa contribuição para as interações sociais e até mesmo no aparecimento de novas maneiras de práticas sociais, como nos revela Barros:

De um modo fundamental o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação e novas maneiras de exercer o poder. (BARROS 2004, p 66).

Longe de sermos feministas, buscamos através de nossa pesquisa trazer para o nosso momento, o real valor literário dos textos publicados em um periódico fundado, dirigido e escrito por mulheres e para mulheres, numa época em que o espaço da mulher se restringia ao

lar. Na observação do modelo de mulher difundido na época, recuperamos a memória literária de mulheres cuiabanas, que nasceram no final do século XIX, viveram e produziram na primeira metade do século XX, examinando a escrita das fundadoras do periódico por elas dirigido. Barros nos escreve que:

Muitos dos assuntos tratados pelos periódicos dedicados à mulher são reinterpretados conforme os padrões de comportamento vigentes, falam de trivialidades. São receitas de bolo, cuidados com a beleza, conselhos sentimentais, notas de eventos. (BARROS, 2004, p 66).

Diante dessa afirmativa ressaltamos a importância da escrita feminina no sentido de despertar a consciência das mulheres para a necessidade de conquistarem direitos fundamentais ligados à educação, à profissionalização e, posteriormente, ao voto.

Para divulgar as ações e os ideais femininos, a revista *A Violeta*, o único periódico de Mato Grosso, dirigido e organizado, exclusivamente, por mulheres, trazia uma variedade de gêneros em suas páginas e conseguiu uma larga abrangência temporal.

O periódico circulou no Estado de Mato Grosso e alguns outros estados brasileiros na primeira metade do século XX, sendo de 1916 a 1950, tempo suficiente para levantar, senão num todo, mas uma parte bastante significativa da história intelectual da mulher mato-grossense. De mãos dadas com a agremiação literária feminina a revista era mantida através dos eventos beneficentes como declamações de poesias e festivais de músicas realizadas pelas associadas. Como nos afirma Almeida:

Esses saraus consistiam em execuções de canto lírico e de músicas ao piano, pelas próprias associadas ou convidados, e declamações de poesia. E há o caso dos saraus realizados em benefício de entidades filantrópicas da capital, como aquele em benefício da Santa Casa de Misericórdia, cujo sucesso é noticiado em *A Violeta* de 15 de abril de 1917. (ALMEIDA 2003, p 47).

Os assuntos tratados pela revista não se restringia apenas aos assuntos do cotidiano, mas também literatura, como pequenos contos, cartas, artigos de cunho jornalístico composições poéticas e outros. No Mato Grosso da primeira metade do século XX, marcado pela crescente urbanização do país e a evolução industrial, surgia um periódico com alguns elementos que contribuiriam na ampliação da visão da mulher ultrapassando as fronteiras domésticas.

Almeida nos auxilia quando escreve que:

Quando se trata de um periódico publicado fora dos grandes centros do país - no nosso caso, no Mato Grosso ainda rural do início do século XX - a partir de um horizonte de produção cultural ainda pouco tomado, as considerações sobre o objeto se tornam duplamente apaixonantes, à medida que se configuram mais complexas, posto que qualquer exercício de análise impostará o caráter de apresentação inicial do *corpus* e, conseqüentemente, da responsabilidade e intuição (tendo em vista a parca bibliografia) do olhar que o compôs e sobre ele fez inferências. (ALMEIDA, 2003, p 17).

O trecho citado acima confirma que o quão apaixonante e desafiador é estudar um periódico pouco estudado, o que dificulta ainda mais as pesquisas. Os exemplares de nosso periódico são muito escassos e de difícil acesso. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro estão localizados 90% do acervo dos 309 exemplares da revista. Em Mato Grosso, só podem ser encontradas alguns números na Academia Mato-grossense de Letras, no Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, local onde tivemos contato com alguns exemplares da obra. O último exemplar da revista localizado data de 31 de março de 1950. Possivelmente a partir daí ela tenha desaparecido. Segundo o que nos escreve Almeida:

Essa espantosa manutenção de circulação, dada a sua longevidade – que para nós vem caracterizar um modo de circulação de *A Violeta* - coloca nossa Revista como o único periódico que se manteve nesses termos na primeira metade do século em Mato Grosso. (ALMEIDA, 2003, p 28).

Ressaltamos aqui, que é lamentável a falta de acervos para pesquisas sobre o periódico. Acreditamos que a dificuldade de obtermos todos os números da obra pesquisada se deu não pela sua inexistência, mas da sua reprodução gráfica em uma quantidade muito pequena e de um certo desinteresse em conserva-la e preservá-la.

1.2- Um passeio pelas trilhas históricas: as escritoras de *A Violeta*.

Para dar vida ao sonho de muitas, algumas mulheres enfrentaram o desafio, escrever em uma sociedade onde as letras, até então, eram dominadas por homens. Após criarem a Agremiação essas mulheres se puseram a dar vida ao seu maior intento: a revista *A Violeta*. Destacamos aqui alguns nomes que fundaram e passearam pelas páginas do nosso periódico. Nomes estes que foram de fundamental importância para a criação, a permanência e para a sobrevivência da revista.

- Maria Dimpina Lobo - Cuiabana, nascida no ano de 1891 e faleceu no dia 10 de dezembro de 1966. Bacharelada em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano, em 1909. Foi professora de inúmeras gerações, as quais sempre se referem a ela com imenso e inusitado carinho. Postalista dos Correios foi a primeira mulher funcionária pública de Mato Grosso. Foi fundadora da “Escola Doméstica Júlia Lopes de Almeida”, da Federação Mato-grossense pelo progresso feminino, da Liga de Assistência aos Lázaros e do Grêmio Literário “Júlia Lopes”. Cronista e titular da seção “Correspondência de Dona Marta”, onde também assinava com os pseudônimos Arinapi, Marta e com as iniciais M. D.
- Amélia de Arruda Lobo – Cuiabana, nascida no ano de 1898 e faleceu no dia 10 de fevereiro de 1977. Normalista, formada no ano de 1915, exerceu efetivamente o magistério. Na Escola Normal ensinou Didática, Geografia do Brasil e história da Educação. Depois, no Colégio Mato Grosso foi professora primária e Geografia até a sua aposentadoria no ano de 1961. Assinou na Revista como os pseudônimos de *Solange*, *Aurora*, *A. Lobo* e também com seu próprio nome.
- Maria Ponce de Arruda – Após o casamento passou a se chamar Maria Ponce de Arruda Muller. Cuiabana, nascida no ano de 1898. Concluiu seus estudos na “Escola Normal Pedro Celestino” no ano de 1915. Exerceu o magistério em várias escolas de Cuiabá e Poconé. Foi professora de música desenho por um curto período na Escola Normal. Foi membro do Conselho de Instrução Pública. Fundou o Abrigo dos Velhos, o Abrigo das Crianças de Cuiabá e Comissão Estadual da Legião de Assistência. Também foi uma das fundadoras do Grêmio Literário Júlia Lopes e da Federação Mato-grossense pelo progresso Feminino. Membro da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico. Reconhecida e condecorada em vários países por sua atuação cultural. Quando escrevia na Revista além do próprio nome utilizava os pseudônimos de *Lucrécia*, *Ofélia* e *Consuelo*.
- Ana Luiza da Silva Prado – Cuiabana, nascida no ano de 1898 e faleceu em 07 de março de 1986. Passou a se chamar Ana Luiza Prado Bastos após se casar com o jornalista Clodomiro de Oliveira Bastos no ano de 1923. Normalista, participou ativamente das obras de cunho cultural, social, religioso e filantrópico da cidade de Campo Grande, onde residia. Além do nome verdadeiro, também assinava como *Zilah*

Donato e as iniciais *A. L.* Depois de viúva continuou sua trajetória de mulher ativa em Cuiabá.

- Antídia Alves Coutinho – Mato-grossense da cidade de Araguaiana, nascida no ano de 1904. Terminou o 2º Grau em 1922. Foi funcionária dos Correios e foi Vereadora na sua cidade natal no ano de 1947. Sempre trabalhou a favor da mulher. Foi delegada da Legião Feminina em Mato Grosso, sócia do Grêmio Literário Júlia Lopes e grande colaboradora de diferentes jornais e revistas. Faleceu em 25 de junho de 1964.
- Benilde Borba de Moura – Paraibana de João Pessoa, nasceu no ano de 1914. Mudou-se para Cuiabá no ano de 1927. Normalista da “Escola Pedro Celestino”, formou-se em 1932. Lecionou no magistério de Cuiabá, no suplementar da Escola Normal e Escola Industrial de Mato Grosso. Cartógrafa do Departamento Estadual de Estatística. Trovadora, tomou parte de muitos eventos de trovas e colaborando com várias publicações.
- Maria Santos Costa – Cuiabana nascida aos 12 de janeiro do ano de 1918. Normalista da “Escola Pedro Celestino”, iniciou sua carreira como professora ensinando na “Escola Modelo Barão de Melgaço”. Foi Bibliotecária e secretária do IBGE, posteriormente, secretária e assistente do jornalista e escritor Archimedes Pereira Lima, no “Diário Oficial” e no “O Estado de Mato Grosso”. Sua produção literária foi inserida no “O Estado”, na revista *A Violeta*, dentre outros. Anos mais tarde mudou-se para Brasília onde se estabeleceu como poetisa.
- Júlia Lopes de Almeida, escritora carioca, tinha um perfil tríplice de mulher-intelecto, mulher-esposa e mulher-mãe. Homenageada com o nome do Grêmio Literário responsável pela circulação do periódico colaborou assiduamente com a Revista. Nos artigos escritos por ela enfatizava os adjetivos femininos necessários para que fossem mãe e dona-de-casa perfeitas. Na revista de n. 01 data de 16 de dezembro de 1916 muitos foram os elogios à madrinha da revista. Nadaf transcreveu um pequeno trecho do texto de Tereza Lobo:

Como protetora do nosso Grêmio, escolhemos o nome glorioso de D. Júlia Lopes de Almeida que, na rútila constelação das escritoras brasileiras, fulgura como estrela de primeira grandeza. Admiradoras sinceras da lúcida inteligência, do espírito esclarecido da notável escritora, dedicamos a ela o primeiro número da “A Violeta”, certas de encontrarmos um pequeno asilo no seu coração e na sua alma, feitos para o Bem e para o Belo. (*A Violeta*, n. 01, de 16 de dezembro de 1916, apud NADAF, 2004, p 46).

Como percebemos no texto acima, as mulheres letradas mato-grossenses tinham profunda admiração pela escritora, mas em especial pela grande mulher que Júlia Lopes representava. Era vista como um dos melhores exemplos de mulher, esposa e mãe. Essa admiração também foi explicitada no discurso de abertura do Grêmio como nos mostra Nadaf:

Júlia Lopes, sob qualquer ponto de vista que se encare, é o protótipo da mulher; nunca a sua pena poderosa deixou de traçar a rota luminosa da sua missão social. No lar, sobretudo, que ela mais salienta aconselhando as patricias a serem verdadeiras sacerdotisas desse templo santo. (*A Violeta*, n. 03, 15 de janeiro de 1917, p 07, apud NADAF, 2004 p 48).



Júlia Lopes de Oliveira (Fonte: Arquivo público)

Júlia Lopes era defensora do papel da mulher e da sua capacidade de regenerar o homem e a sociedade. Para ela, a simplicidade, a pureza, o recato e a humildade eram atributos essenciais para uma mulher de bem e para ser vista na sociedade. Segundo Júlia Lopes *ser mulher significa ser mãe e ser mãe significa ocupar-se de seus filhos*.

O carinho recebido por parte das mulheres intelectuais de Mato Grosso foi muito bem respondido e agradecido e vinha sempre em forma de cartas e textos a serem publicados na revista. Como nos relata Nadaf neste fragmento:

Foram diversas as cartas trocadas entre madrinha carioca e a agremiação feminina mato-grossense. Por intermédio delas, Júlia Lopes incentivou a vida do grêmio, enviou exemplares de suas obras para a sua biblioteca, remeteu textos inéditos de sua autoria para “A Violeta”, e expressou conselhos diversos para o universo da mulher. (NADAF, 2004, p 49).

Em nossa pesquisa notamos, que grande foi a influência da escritora na educação e disciplina das mulheres mato-grossenses que buscavam acatar com fidelidade os conselhos fornecidos por Júlia Lopes. Uma mulher de vida impecável, que sempre deixava claro que literatura ficava em segundo plano, depois do atendimento ao esposo e aos filhos, à casa, ao jardim. Fora muitíssimo respeitada e louvada em sua época. Sempre elogiada como modelo de mãe, em primeiro lugar. Não se mostrava uma feminista militante, embora em sua escrita, nas entrelinhas, havia muitos ideais escondidos em seus conselhos.

A escritora manteve uma imensa troca com a revista, durante toda sua vida, encerrando apenas com sua morte no ano de 1945. Vejamos o que nos confirma no trecho abaixo:

O intercâmbio de colaboração da escritora com a revista durou até a sua morte, no ano de 1945. Na relação estabelecida entre a escritora e o Grêmio ainda se encontra algo bastante produtivo a se pensar: Júlia Lopes fazia verdadeiros laboratórios de recepção e leitura da sua obra em *A Violeta*. Publicou em nosso periódico capítulos inéditos de seus romances ainda no prelo. Isso se dá no ano de 1920, com *O lote 587* e em 1933, com *Era a fome*, capítulo depois incluído no *Páginas Curtas II*. Ao final dos trechos publicados, a direção da Revista registrava *Inédito* (ALMEIDA 2003 p 44).

O fato de ter sido dirigida e produzida por mulheres não impediu de abrir alguns escritores renomados do sexo masculino como Dom Aquino Correa, José de Mesquita, Franklin Cassiano, entre outros, escreverem nos periódicos.

A revista também deu oportunidade a colaboradores de outras regiões do país. O periódico foi mais além, rompendo as fronteiras e fortalecendo seu Intercâmbio cultural. Por algum tempo *A Violeta* publicou uma página poética com escritores latino-americanos renomados como Rubens Dário, Gabriela Mistral, Amado Nervo, Ricardo Rojas e outros.

O periódico seguiu superando expectativas e barreiras. Conseguiu cruzar movimentos de vanguarda em Mato Grosso, como o movimento Graça Aranha e o movimento da Revista Pindorama, no final da década de 30, sabendo observar suas propostas inovadoras, mas mantendo sua fidelidade com a tradição.

Diante de nossas pesquisas pudemos observar que seja possível fazer uma divisão filosófica da revista:

Primeira Fase: ainda arraigadas ao universo doméstico;

Segunda Fase: mais empenhadas nos problemas sociais.

Essas fases serão melhor discutidas adiante, mais propriamente no capítulo III deste trabalho. Mas queremos deixar claro que não podemos nos esquecer, no entanto, que as precursoras das revistas não são quem as finalizam. Durante o longo percurso de existência do periódico as colaboradoras foram se diversificando e mesclando-se. As mais antigas foram cedendo lugar ou mesmo agregando mulheres mais jovens ao grupo. Esse fato fez com que as idéias também fossem se transformando ao longo do tempo.

CAPÍTULO II

Da mão que embala o berço à mão que empunha a pena: mulher, literatura e rompimento

A flor não querendo ser prisioneira de um coração inconstante, para que os seus pesares não duplicasses, sobrevivendo a ingratidão, zombou de ti desfolhando-se aos teus olhos. Ficou de resto o pendúnculo à quem as ilusões se foram com as pétalas e que com o tempo transportou à raiz as micróbios das saudades dos tempos idos.

Como a flor, sou eu, frágil e a quem um sopro mais basta para aniquilar.

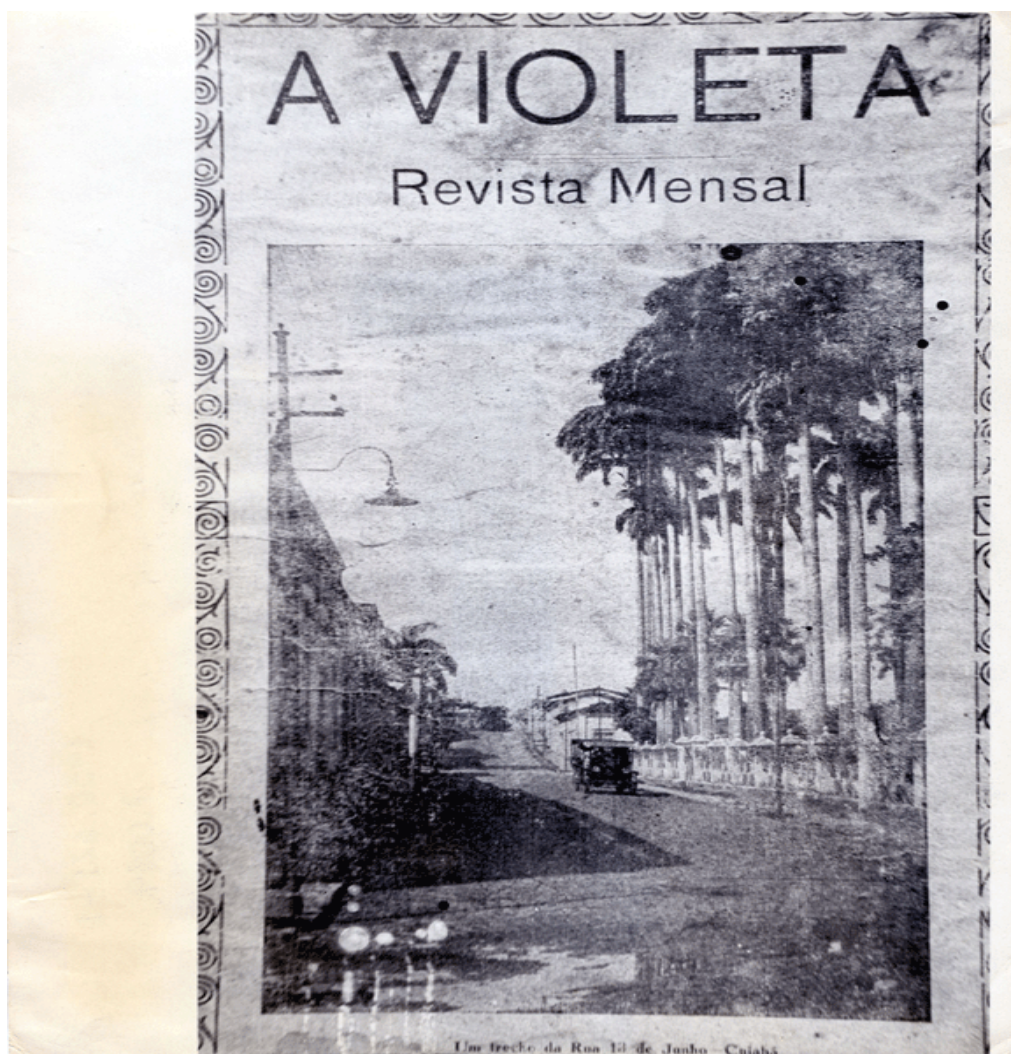
Morrem dia a dia as minhas ilusões.

Deixam-me acabrunhada como as pétalas deixaram o pendúnculo, e matam-me as saudades e as doces recordações dos tempos que jamais voltam.

(Suzane. “Recordação saudasa”. A Violeta 24:9, de 15 de dezembro de 1917).

Em entrevista ao Radialista Roberson de Oliveira da Rádio FM de Várzea Grande em março 1994, Yasmin Nadaf fez as seguintes considerações:

Com base numa lenda originada na Grécia, a planta era considerada a flor de Zeus, rei dos deuses. Conforme dizia a lenda que Zeus apaixonou-se por Íon, mas era casado com Hera, que era extremamente ciumenta e para proteger Íon transformou-a em um bezerro. Para servir como alimento ao seu grande amor algo delicado ordenava à terra que produzisse uma linda flor em sua homenagem. A esta flor deu o nome de Íon, palavra grega que quer dizer, violeta. Normalmente a planta é descrita como modesta por esconder sua beleza entre as folhas de grama e por florescer tão fugazmente. (NADAF 1994).



O periódico, tal como a flor, trazia formato e apresentação muito singelos, diagramação sem nenhuma sofisticação, algumas capas traziam ilustração, outras publicidades. Variaram também nos tons coloridos de cada exemplar e em seu conteúdo de

diagramação diversificada trazia o retrato da mulher tradicional da época. Como escreve Barros:

É interessante observar a estrutura física de A Violeta que, apresentando pequeno formato de brochura, 15X23 cm, em muito se assemelhava a um caderno escolar, livro de lições ou ainda a um diário íntimo, de uso muito comum das moças da época, em que não raro registravam poesias, provérbios e máximas de sua autoria ou de seus autores de preferência, escritos que também podiam ser encontradas nas páginas da revista. (BARROS, 2007, p 69).

Um aspecto bastante importante na estrutura das edições da revista é ter em sua abertura, uma *Chronica* abordando sempre os mais diversos assuntos, desde comportamentos até mesmo reivindicações de construções de algumas obras públicas, como a tão almejada estrada de ferro. Também em seu fechamento com a seção Noticiário, que cumpriu o roteiro de relatar os acontecimentos sociais de Cuiabá e de todo o Estado, tais como casamentos, visitas ilustres a Mato Grosso, viagens de algumas personalidades da burguesia estadual, aniversários, nascimentos e também notas de falecimentos. Essa estrutura se torna importante uma vez que, a vida real aparece tematizada na abertura e no fechamento de cada número. Percebemos que enquanto a *Chronica* trazia reivindicações de progresso, o Noticiário descrevia o cotidiano de um povo do interior do Brasil. No espaço entre essas duas seções, a variedade era imensa, não havendo muito rigor no estabelecimento de seções.

No seu estilo simples e discreto, aos poucos foi revelando o novo papel da mulher cuiabana, que não se restringia apenas ao lar, a intimidade da família, mas também social e público. O espaço destinado ao sexo feminino teve suas fronteiras aumentadas e encontrava terreno propício para se reproduzir graças às contribuições das intelectuais, que sutilmente se debruçavam sobre esta questão, sem desobedecer aos objetivos principais do Grêmio, como citou Almeida:

1. Promover o desenvolvimento intelectual das suas associadas, por meio de conferências, discussões de teses sobre assuntos cívicos, morais e instrutivos;
2. Manter uma revista de publicação bimensal onde colaborem as suas associadas ou qualquer outra escritora desde que não trate de questões políticas, religiosas ou animosidades particulares;
3. Promover festas litero-musicais com o fim de desenvolver o gosto pelas artes entre as associadas;
4. Manter uma biblioteca composta de obras de literatura, jornais e revistas nacionais e estrangeiras;
5. Criar, quando a diretoria julgar conveniente, tudo o que for necessário para o desenvolvimento intelectual da mulher mato-grossense.

(A *Violeta* 30:9, de 15 de abril de 1918, apud NADAF 1993, p.25).

O periódico nasceu num ambiente de hostilidade, porém, elaborada numa associação de mulheres que dele cuidou com desvelo e extrema atenção, contando inclusive, com o apoio da elite cuiabana a qual pertencia as suas editoras.

A *Violeta* variou em seus temas. Não falou só de flores, às quais nos remetem ao título de batismo. Também não se ocupou só da literatura. Seus assuntos se estenderam à política, à história, ao feminismo, à religião, à moda para a mulher, à culinária, às campanhas educativas de higiene e saúde, bem como a registros da sociedade mato-grossense. A revista lutou pelo direito a educação, ao voto, ao acesso a empregos públicos, igualdade de direitos entre os sexos e a participação da mulher na política e demais áreas. O ecletismo marcou intensamente a trajetória da revista.

As seções do periódico também foram variadas. Mas duas seções foram mantidas ao longo do tempo pela revista. A *Chronica* abria sempre cada numero e o *Noticiário* fazia o seu fechamento. Entre essas duas seções assuntos diversos eram entremeados. A crônica de abertura da revista trazia um cunho editorial e era assinado por uma de suas redatoras e tratava sempre de assuntos em evidência no momento, relacionados a vida social, religiosa, histórica e cívica. Eis o que nos confirma Freire:

No primeiro ano, as crônicas versaram sobre o lançamento da revista, sobre Natal, Ano Novo, início de ano letivo, carnaval, chuvas, quaresma, festival e abertura do cinema, maio mês das flores e do culto À Virgem Maria, maio mês da poesia e lançamento de livro de poesias, touradas e festas, etc. (FREIRE, 2007, p54).

Notamos pela afirmação acima, que essas crônicas, abrindo cada edição, funcionavam como um editorial e era o principal instrumento de crítica, de defesa, de reivindicação, protesto ou enaltecimento do assunto em foco no momento. A escrita dessas mulheres contribuiu, circulando ideias e experiências sobre o processo histórico e cultural, fazendo chegar ao público partes desse passado.

A chegada da nova república e da modernidade trazia em seu bojo um movimento de construção de uma nova mulher, fundamentado, essencialmente, no perfil de uma nova mãe, dedicada, amorosa e culta. Todos esses temas foram abordados no seu conteúdo como nos complementa Nadaf:

O amor, a pátria, a natureza expressiva, a religião, como fé e valor espiritual, a morte, a noite, o luar, as flores, o desejo de evasão a valorização da história, do passado nacional e da vida simples, em natureza, o anseio de progresso e a preocupação social. Tudo isso aliado a um estado de espírito melancólico e pessimista, ora terno e singelo, e ora ufanista e ousado. (NADAF 1993 p 36).

A afirmação de Nadaf vem colaborar com nosso pensamento, de que não só houve a publicação dos costumes sociais das mulheres cuiabanas do início do século XX, mas a elaboração de outros meios de circulação no campo da literatura dava visibilidade a aspectos e versões da vida social daquele momento. A escrita abriu as portas para um mundo criado através da palavra, cheio de simbologias e significados. O inventar e o imaginar eram recursos para compreender e interpretar o mundo, de certa maneira a organizá-lo interiormente. Neste texto da revista podemos comprovar tal hipótese:

É esta a nobre tarefa dos bons escritores, espalhar conhecimentos, engrandecer a pátria, instruir deleitando e fazer da mocidade o que o lavrador faz do campo que deseja fértil – prepara-la por meio de conhecimentos reais para ser o amigo e defensor da terra patricia. (*A Violeta* n. 82, 18 de junho de 1921, apud NADAF, 2004, p 51).

Redigir e coordenar uma revista nos dias de hoje ainda é uma representação de grande importância. Para o início do século passado, era para a maioria dos escritores, o auge da carreira. A ocupação dessa posição satisfazia o ego e fazia bem a qualquer indivíduo. No círculo social era sempre recebido com maior prestígio o homem, que em letra de imprensa, era capaz de dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém.

Imaginemos então, uma mulher ou algumas mulheres da sociedade cuiabana a frente da redação de uma revista. Motivo de espanto? Ameaça para classe masculina?

Ameaçador ou não para a época, a revista *A Violeta* era coordenada e redigida inteiramente por mulheres e abordava vários temas como moda, literatura, artes plásticas, teatro, crítica e notícias de festas culturais da sociedade cuiabana.

Essa atitude vinha romper com a imprensa tradicional, que dedicava ao público feminino tão-somente temas como bordados, cosméticos e moda, pois criou um canal para as reivindicações das mulheres e, sobretudo, uma maneira de impulsionar a instrução, a educação, a mudança de atitudes e de idéias.

Inicialmente, os assuntos dos textos da revista eram marcados por mensagens de acentuado fundo moral, compatível com o ideário da revista, e que, provavelmente, de certa maneira quem sabe, até mais eficaz que os demais recursos, atingiam o pensamento das leitoras. Valorizavam o sacrifício, a abnegação, a renúncia, ao mesmo tempo em que

enalteciam a importância do casamento e sublimavam a maternidade. Como podemos perceber no trecho escrito por Júlia Lopes de Almeida:

A felicidade humana deriva do que vive sobre nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria suplica bons cidadãos, é de nós, quando esposas, que a sociedade exige maior exemplo de dignidade e de moral. Com a educação superficialíssima que temos, não meditamos nisto, e levamos de contínuo a queixar-nos de que é nulo o papel que nos confiaram... Como poderíamos, todavia encontrar outro mais amplo e sagrado? (*A Violeta*, n. 76, 25 de dezembro de 1920, apud NADAF, 2004, p 55)

A escrita feminina normalmente girava em torno do eixo amoroso, voltado sempre aos sentimentos de mãe, matrimônio, procriação e amor eterno. A valorização da prática da culinária e do verdadeiro papel de mãe, da importância na educação dos filhos, fazia parte do conjunto de elementos em torno dos quais se centravam as mensagens da revista no começo. A maioria das seções primava pela manutenção da família, da formação do caráter do cidadão e conseqüentemente o bem-estar do marido.

À mulher da época cabia a formação do ser humano, a responsabilidade em procriar e formar um ser humano digno para a sociedade. O filho era de inteira competência da mãe educá-lo, formá-lo como indivíduo, com deveres morais respeitados perante a sociedade. Era da mulher o dever inclusive, de preservar, cuidar e manter a perfeita saúde dos filhos. Eis o que nos traz o trecho retirado do periódico citado por Freire:

O melhor meio (de educar seu filho) é reforçar na criança a sua tendência moral e desvia-la das más companhias. Incultas-se-lhe forte sentimento de confiança na sua força moral, de sorte que elle por si se envergonhe de praticar más acções. Não o castigues sem necessidade imperiosa e esse castigo deve ser simplesmente e unicamente moral. E é sobretudo o teu exemplo, minha querida que deverás sobrepor a todos os outros processos educativos. Sê o límpido cristal onde se vá reflectir sem jaça o character do teu filho. Dá-lhe franca liberdade de brincar e de exprimir seus sentimentos, e auxilia-lo mesmo fazendo trocas de ideas e pensamentos. Procura dar-lhe o mesmo grau de desenvolvimento physico, intelectual e moral, até o momento em que te for necessário entrega-lo ao preceptor. E, não para ahi a tua missão, continua a educa-lo, auxiliando o trabalho do mestre a quem o entregues. Não há educação completa sem a cooperação da família e do professor. Ensinar não é educar: isto cabe a ti, enquanto na escola, lá fora, o mestre procura ensinar. (*A Violeta*, n. 10, 30 de abril de 1917, apud FREIRE, 2007, p 81)

No trecho citado notamos que as escritoras da revista procuravam ressaltar o papel de mãe e o de professoras que eram. A educação sempre foi muito defendida e usada como forma de conquista e autonomia feminina pelas redatoras do periódico. No discurso

requintado e aparentemente tradicional das mulheres d'A *Violeta* era introduzido um novo discurso, enquanto propunha a educação e o ensino dos filhos nos dá possibilidade de entender que, a mãe ao se passar por mestre consegue o lugar de protagonista.

Existia a princípio, um grande recolhimento na escrita feminina, por conta do preconceito advindo de um paternalismo ditador, sem o menor respeito pelo ser humano existente em cada mulher. A verdade é que a mulher, e em consequência, a escritora, dificilmente conseguia, de maneira confortável, se expressar sem medos suas idéias, seus anseios e seus desejos.

O bem-estar da família também envolvia a necessidade de um lar bem decorado, capaz de reter as tentações que vinham de fora, prender em casa os que procuravam o repouso, a distração, o esquecimento da tarefa de cada dia, e que, se não se sentissem bem portas adentro, iriam se dispersar, nos clubes ou na rua o transbordamento de sua expansão de afetuosidade. Como nos afirma Freire:

A ótica geral da imprensa cuiabana, como a mulher devia ser e como devia se portar, era referida nas oposições das seguintes espaços limitados: doméstico/público, natureza/cultura, permitido/interdito. (FREIRE 2007, p 40).

Percebemos então que os espaços sendo divididos caberia à mulher o espaço doméstico, se preocupando com cuidado do lar, enquanto ao homem ficaria o espaço público. À mulher, a natureza de ser genitora e cuidadora dos filhos, ao homem a cultura, e uma vida social completamente permitida enquanto para a mulher era interditada. Essa visão totalmente masculina e machista ressaltava a domesticidade e a docilidade do caráter feminino, reforçando valores relacionados à obediência, a dedicação, à submissão. A sociedade louvava uma filha obediente aos pais, uma esposa carinhosa e submissa, a mãe dedicada, afetuosa, a dona de casa prendada. Fazia duras críticas a vaidade, a frivolidade e a emancipação feminina.

Esse ponto de vista social fez com que Maria Dimpina se destaca-se em meio as demais e em seus textos percebe-se esse desejo de rompimento e luta, conforme podemos visualizar no trecho citado:

Lucto pela existência da revista porque, si é a mulher àquela a quem cabe grande responsabilidade social como educadora, ella não póde assistir impassível a lucta de reformas social e phisica desta terra bendicta... (Maria Dimpina. A *Violeta* 62:5-6, de 25 de dezembro de 1919. Carta aberta de Maria Dimpina).

Em meio a esse ambiente tradicional e arcaico Maria Dimpina se destacava como lutadora por uma liberdade proibida para as mulheres da época. Através das cartas que escrevia às leitoras, na seção “Correspondência de D Marta” chamando-as de amiguinhas, bem como nas crônicas permeadas de orientações. Dimpina reivindicava e conclamava suas leitoras a lutarem para a ampliação da educação feminina, destoando de discursos que limitavam a função social da mulher ao papel materno. Sempre questionava o tradicional lugar da mulher reclusa ao âmbito doméstico. Com isso, Maria Dimpina reivindicava não apenas a possibilidade de maior acesso feminino à educação, mas a ampliação dos espaços de atuação das mulheres na sociedade. Como podemos perceber no trecho da crônica abaixo:

Essa útil agremiação vem prestando ótimos serviços numa demonstração cabal de que a atuação da mulher e a sua educação continuam sendo a base primordial, o alicerce em que se assentam as sociedades dignas. Aos influxos da mulher inteligente e sensata quantas e quão boníssimas obras surgem e propagam engrandecendo os povos e elevando as Nações! (*A Violeta*, “Crônica”, 31 de julho de 1943, apud NADAF 2009, p 26).

De uma maneira geral, as mulheres só assinavam com as iniciais do nome, o primeiro nome, sem o sobrenome, ou com pseudônimo. Assim, anonimamente, Maria Dimpina e demais colaboradoras tiveram oportunidade de escreverem e discutir suas idéias. Em alguns momentos, afirmavam que sua principal motivação estava no desejo de propagar as boas maneiras, combatendo a ignorância e cooperando com todas as suas forças para o melhoramento social, mas em outros momentos, porém se mostraram bastante questionadoras em questões e assuntos considerados, puramente, masculinos, como a exemplo na carta que Dimpina escreveu as leitoras falando de assuntos políticos. Vejamos um trecho:

Minhas boas amiguinhas. Mais um ano vai findar-se, levando consigo uma chuva de bênçãos ou maldições dos contentes e dos que não foram felizes. Com o findar do ano finda também a administração do distinto intendente coronel Albuquerque. É de todos sabido que há sempre uma certa queixa, por parte do governador da cidade, da escassez de verba da municipalidade com um dos fatores das grandes faltas que urge sejam reparadas, tais como consertos de ruas, embelezamento de praças, esgotos, etc. Apesar disto, o senhor intendente, tendo o funcionalismo pago, promoveu uma série de consertos, dentre os quais, pela estética e pela necessidade que tinha de ser feito, destaca-se o calçamento da rua 13 de Junho, que fazendo justiça, faz com que o coronel Albuquerque mereça aplauso de seus munícipes. (*A Violeta*, “Correspondência de D. Marta”, 25 de dezembro de 1923, apud NADAF 2009, p 28)

O trecho citado nos apresenta uma mulher completamente moderna. O texto se apresenta atual, que poderia ter sido escrito hoje. Maria Dimpina se revelou uma mulher à frente de seu tempo e soube mostrar isso nas páginas da revista. Essencialmente educadora, com filosofia de esposa e mãe, mas uma mulher consciente e mais participante, revolucionária na defesa de seus direitos para emancipação moral e feminina.

A apropriação da escrita representou, para Dimpina e suas colaboradoras, um importante espaço de visibilidade social. As senhoras donas de casa transformadas em escritoras e educadoras fizeram despontar outro cenário que, apesar de limitado, foi capaz de ocupar um espaço privilegiado na imprensa da época tornando-se assim instrumento pedagógico de denúncia, de luta e de resistência.

Estamos na época das grandes realizações. A mulher deve ser renovadora, diz Eunice Tavares. Renovadora sim! Sua educação deve ser intelectual, religiosa, moral e cívica. Deve ser educada para educadora. A família é o seu campo de ação. Mesmo afastada de sua casa, lutando fora dela para atender às necessidades da vida, ela deve estar presa pelo dever que a própria natureza lhe impõe de construtora do lar e da sociedade.

(Nota da redação. *A Violeta* 347:6, de 29 de junho de 1949).

A fala feminina da primeira metade do século passado delineou o perfil dessa mulher que no dia 30 de outubro de 1919, expressou o texto abaixo:

Se muitos fora dessa cidade já têm a certeza de que nós cuiabanas, não somos ainda o que foi a Inocência de Taunay, que representava a alma genuína da matogrossense daquele tempo, poucos também compreendem e sabem que em nossa veia também circula o sangue brasileiro, que também somos alegres... expansivas... e digamos sem fingida modéstia, civilizadas. (*A Violeta* 59:6, de 30 de outubro de 1919).

O trecho acima citado nos dá a conhecer um pouco mais a respeito do feminismo em Mato Grosso. Feminismo esse sem nenhum ranço. Percebemos então, nas entrelinhas da escrita feminina, que aos poucos, por meio da revista *A Violeta* o sujeito literário se assumia mais fortemente como mulher, mais amadurecida no seu ideário, inclusive questionando o padrão dominante da época. Na busca incessante da identidade, rompendo tabus, provocando reflexões por meio de contos, crônicas e poesias, mostraram que era possível escrever o mundo através das palavras das mulheres.

Usando de uma imensa sensibilidade, as letradas de *A Violeta* penetravam nas razões da existência humana e deixavam que a voz da mulher viesse à tona. Falando dos problemas

do cotidiano as mulheres buscavam desvendar-se da condição de ser mulher de sua época em meio a conflitos e buscas. Com uma escrita na maioria das vezes sensível, a voz da mulher se fez presente em questionamentos e denúncias. Usando de conteúdo corriqueiro, a mulher foi capaz de mostrar-se como ser que tinha voz própria, e não mais se expressava por meio da voz do sexo masculino.

Como nos escreve Freire:

A revista é encarada como suporte de manifestação de processos de pensamentos, de opiniões, de pontos de vista em confronto, em confluência. Apresenta um mosaico do cotidiano vivido, imagens da sociedade local e nacional. Leitoras e leitores da revista se envolvem na criação de significados no fluxo relacional que se estabelece entre margem e centro. (FREIRE 2007. p 30)

Ao criar a revista suas redatoras a definiram como órgão do Grêmio literário e demarcaram a cultura e os costumes da época como seu campo de atuação, discutindo inclusive a política, demonstrando seus interesses e se comprometendo com o engrandecimento moral de sua terra. Por serem mulheres de classe relativamente alta na sociedade cuiabana ganharam crédito. Eram mulheres cultas, mas dedicadas ao papel de reprodutoras dos valores de sua classe, mesmo que as ordens da época estabeleciam submissão e inferioridade no sexo feminino. Como nos afirma Trubiliano:

Por injunções da natureza, a mulher era considerada como inferior ao homem, inferioridade que se manifestava pelo predomínio das faculdades afetivas. (TRUBILIANO 2007, p 61).

Mesmo quando se fazia reivindicações no âmbito social o tom impositivo era sempre evitado, pois não se compatibilizava com o tratamento adequado a quem se propunha a orientar, instruir, fazer companhia, oferecer distração e dedicar-se ao lar mantendo as normas de conduta moral e tradição.

Ainda segundo Trubiliano (2007) *explicitamente, a mulher ligada primordialmente à família e a maternidade, tornava-se a firmação do feminino modelar.* Embora a sociedade procurasse reconhecer que o século XX seria o século das mulheres as regras impunham que a mulher, ainda que moderna, deveria ser obrigatoriamente casada, dona de casa, mãe, esposa dedicada, seguindo à risca um modelo burguês, idealizado pelas elites e ditados pela mídia da época, de que os atributos idealizados à condição materna seriam a abnegação, o sacrifício e o amor incondicional.

CAPÍTULO III

Sob múltiplos olhares da mulher em A Violeta: esposas, letradas e libertárias

Deus te conserves assim sempre fresca e vivente, o teu discreto olor suave desprendendo por sobre a nossa terra e sobre a nossa gente, e que por lema o teu roteiro sempre tome essa frase em que o teu destino vou relendo: “modesta como a flor da qual tirou o nome”. (MESQUITA, José de. “’A Violeta (nos seus 25 anos)”. A Violeta 282, 283:6, de 25 de dezembro de 1841).

Aos poucos e gradativamente, as mulheres foram conquistando espaços antes exclusivamente masculinos. Entre a *Chrônica* e o *Noticiário* o periódico nos apresenta um mistura de mulheres, de sentimentos múltiplos, que enquanto escreviam textos educativos e morais, implicitamente se percebia uma voz que ansiava pelas realizações de desejos de liberdade, pelo sonho de uma nova identidade, que aos poucos foram se tornando indispensáveis às suas vidas, gerando assim uma posição de ambigüidade. Esse pensamento se confirma ao que diz Almeida:

Esta ambigüidade, consequência do espírito conciliador que de saída juntou os dois objetivos de atuação do Grêmio e da Revista já expostos, vai trazer à tona uma outra formatação para a significação do papel da mulher, não mais restrito à esfera privada do lar, da intimidade familiar e conjugal, mas associado à esfera pública da sociedade. Será essa uma das formas de *A Violeta* agenciar discursivamente questões de seu tempo. (ALMEIDA, 2003, p 38).

Não se tratava de um desejo isolado ou solitário. A força das mulheres rompia com a mera domesticidade apontada pela formação da época direcionando outros horizontes para o universo feminino e auxiliando na quebra do silêncio, da quietude, construindo novas possibilidades e assumindo reivindicações de cunho também cultural e social. Como nos mostra um trecho da seção *Noticiário* que trazemos na íntegra:

Pátria e Bilac

Ainda resoa agradavelmente aos nossos ouvidos a belíssima conferencia que, sobre este patriotico thema, a nossa talentosa patricia D. Andradina de Oliveira realizou a 20 do corrente, perante numerosa e selecta assistencia, no cine Parisien. Às 21 horas precisamente surgiu na tela o retrato do grande e immortal Bilac, que foi saudado com uma vibrante salva de palmas.

Um grupo de gentis meninas cantou inequivocavelmente o hymno á bandeira, que foi ouvido religiosamente em pè pelo auditorio. A seguir, a notavel conferenciada, iniciou a sua importante conferencia, que foi feita perante a nossa bandeira, e durante quasi 2 horas prendeu a attenção geral. Não cabe nos estreitos limites destas columnas uma reprodução fiel de tudo o que ouvimos, apenas citaremos os principais topicos della.

1º Descreve se a belleza do pavilhão nacional.

2º a emoção que se sente vendo-o tremular em terra estranha.

3º Descreve-se ou define o que é a patria: lar, terra, céo, historia, lendas, tradições, reliquias, arte, sciencias, lingua, etc.

4º Diz do estado precario do Brazil ante o monstruoso conflicto europeó, com milhões de analphabetos, sem escolas profissionaes e de educação moral e physica.

5º Falla do levantamento herculeo de Bilac em pról da portentosa patria e da sua fé immensa.

Relembra os seus serviços prestados a patria combatendo o analphabetismo, a escravidão, propagando a Republica, trabalhando pela educação de infancia pelo desenvolvimento physico da raça brasileira e se tornando um dos mais arodoros architectos da litteratura portugueza.

6º Innumera os males que cahiram sobre a nossa patria e que são os mesmos que esmagaram outras, correndo outros organismos sociaes e descreve toda a grandeza da patria augusta, a maravilhosa natureza brasileira: a Bahia da Guanabara, o Amazonas, o Paraná, o Paraguay, o mar, as cataractas, as montanhas, as ilhas, o pampa, a flora estupenda, as florestas inegalaveis, a fauna riquissima, em fim a pedraria preciosa dos escriptorios patrios. Orgulha-se da natureza brasileira e sente como Bilac a grandeza da patria, e convencida, como elle, de que o Brazil é a terra mais esplendorosa, vem com a historia desde as caravellas de Cabral até o governo de Epitacio Pessoa.

7º Falla do apello sublime do poeta á mocidade brasileira salienta os beneficios da caserna moderna, remodelada, saneada, orientada.

8º Conta do enthusiasmo da ocidade, acudindo ao apello do vate, atravessando a caserna, cantando os hymnos, vestindo a nobre farda de soldados.

Diz da nova vitalidade reanimando o povo brasileiro. Falla das linhas de Tiro, dos batalhões de escoteiros, da Liga da Defesa Nacional, da campanha cerrada contra o analphabetismo, da creação das escolas profissionaes; das ligas “prò saneamento” do território brasileiro, das sociedades sportivas para o vigor da raça. Diz da acção do Ministerio da Agricultura impulsionando a lavoura, creando escolas agricolas, fundando colonias nacionaes, encaminhando a juventude desvalida para os patronatos agricolas.

Refere-se a acção dos Estados brasileiros secundando a obra magistral de Bilac, do enthusiasmo da mulher brasileira, acudindo ao gesto patriotico do poeta. Falla de Ruy no centenario de Tucuman deslumbrando com o seu verbo patente a Argentina e assombrando o mundo com a sua maravilhosa oração a maior e mais soberba do seculo XX.

Termina concitando os brasileiros a se unirem, a trabalharem pela patria tendo, como um estimulo perenne a obra magistral do poeta. Fecha conferencia com um apello ás mães brasileiras para que eduquem esmeradamente seus filhos, para que o character nacional não agonise de novo.

Eis em ligeiros traços o que foi a patriotica conferencia da festejada patricia no dia 20 do corrente.

Esta redacção agradece-lhe penhorada a gentileza do convite e formula sinceros votos de constantes triumphos.

(A Violeta 57: 9 e 10, de 24 de setembro de 1919. Apud Almeida 2003.)

As transformações ocorreram de maneira sutil e delicada propiciando assim uma maior conscientização da mulher em relação a seus direitos, uma maior participação política e a conquista de espaços significativos nunca antes ocupados. Não se tratava apenas da conquista de espaços no mercado de trabalho e nas universidades. Mas uma conquista do espaço público, a mulher se tornava um sujeito político, deixava de ser mera coadjuvante para se tornar protagonista da história.

É possível observarmos algumas reivindicações por parte das autoras às leitoras a lutarem para a ampliação da educação e a profissionalização feminina, destoando dos

discursos que limitavam a função social da mulher ao papel materno. Apesar de louvar e respeitar os conselhos domésticos e maternos de Júlia Lopes, que se esforçava para divulgar as características naturais femininas como a delicadeza e a sensibilidade, valores idealizados para as mulheres, bem como, seu único, benéfico e digno papel: ser mãe, Maria Dimpina era um exemplo de luta, reivindicava não só a possibilidade de maior acesso feminino à educação, mas a ampliação dos espaços de atuação das mulheres na sociedade.

Responsáveis pela formação física, moral e espiritual das novas gerações das quais elas, com o curso ginásial apenas, aptas para o desempenho de sua mais nobre missão? (...) Muito digno de louvor é o interesse pelo desenvolvimento intelectual que confere o curso secundário ginásial. Mas nem sempre pode chegar até esse ponto a educação da mulher. Umas, em casa, aprendem o necessário para não serem de todo inexperientes na vida. Outras têm, como pendor natural o instinto da educação doméstica. Mas serão todas assim? Não serei eu a única a pensar com interesse neste problema do qual depende *in totum* a nossa formação social. Pensar não é bastante, precisamos agir. (Arinapi. *A Violeta*, 06 de agosto 1941, p 01).

Podemos perceber no discurso acima que a relação entre cultura, ordem estabelecida e ideologia apresenta-se estreita e complexa. São narrativas de uma mulher duplamente atingida, pela submissão e pelo desejo da participação na vida social, sofrendo tanto os efeitos da hegemonia da historiografia oficial como os da hegemonia de gênero.

Por meio de sua escrita surgia uma nova identidade que transcendia, numa vasta metáfora do real. A escrita dessas mulheres se tornava simultaneamente intimista e existencialista, tanto na expressão de seu conteúdo, como na demonstração do mundo e do ser dentro dele. Como o trecho a seguir:

A flor não querendo ser prisioneira de um coração inconstante, para que os seus pesares não duplicassem, sobrevindo a ingratidão, zombou de ti desfolhando-se aos teus olhos. Ficou de resto o pedúnculo à quem as ilusões se foram com as pétalas e que com o tempo transportou À raiz os micróbios das saudades dos tempos idos. Como a flor, sou eu, frágil e a quem um sopro mais basta para aniquilar.

Morrem dia a dia as minhas ilusões. Deixam-me acabrunhada como as pétalas deixaram o pedúnculo, e matam-me as saudades e as doces recordações dos tempos que jamais voltam. (Suzane, “Recordação saudosa”. *A Violeta*, 24: 9, de 15 de dezembro de 1917).

Através da poesia, o ser feminino falou e interrogou sobre a vida vazia, a solidão e a ausência do ser, o cotidiano às vezes monótono e reiterativo, sem transformações. O conteúdo da revista, aos poucos nos mostrou muito daquilo que a mulher viveu no início do século XX

e vem mostrado através dos tempos: a inquietude, o vazio, a desumanização, os delitos, o amor e tantas outras coisas que se prendem no dia-a-dia de nossas vidas.

Assim, essas mulheres surgiam como agentes históricos e sociais referenciados a um dado grupo, participando de um determinado projeto coletivo. Sujeitos com biografias próprias em construção, que no desempenho de seus papéis históricos e sociais, fizeram suas escolhas, reivindicando seus direitos, sem esquecer seus deveres.

Retratando a história afetiva e existencial da mulher no seu tempo as colaboradoras d'*A Violeta* lançavam olhos sobre o seu mundo interno e externo e atentaram, ao fato de querer sobreviver de seus próprios esforços. As autoras passaram a focalizar não mais a lírica amorosa, nos costumes e regras domésticas, mas na mulher que trabalha, que tem fé e uma relação com ela própria.



Maria Dimpina (Fonte: Yasmin Nadaf).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história por muito tempo escondeu e silenciou sujeitos. Mas, com determinação e sutileza, o sexo frágil, muito tempo silenciado, aos poucos se fez ouvir. Entender esse processo foi nossa intenção ao trabalhar a atuação das mulheres da revista *A Violeta*. Tentamos recompor um quadro, onde a mulher apareceu como sujeito histórico, onde a mulher ousou adentrar o espaço público, político e masculino por excelência. Por meio da sua escrita a mulher alcançou o espaço público, lutou pelo emprego, pelo voto e por direitos iguais.

Se muitos avanços houve no que diz respeito à participação efetiva da mulher na sociedade, o discurso das escritoras d'*A Violeta* nos mostra que muitas foram as lutas enfrentadas para combater a desigualdade, a submissão e a discriminação.

Ficou bastante evidente que o discurso ameno de Julia Lopes de Almeida fortaleceu em Maria Dimpina a habilidade de negociação com setores mais conservadores da sociedade. O diálogo estabelecido entre as escritoras e a sociedade conservadora e tradicional foi de grande relevância, pois, na medida em que eram mantidos os ritos tradicionais na edição da revista, não era percebida a natureza inovadora que envolvia essas mulheres, que se fizeram ouvir a partir de suas falas repletas de ambigüidades.

Foi possível perceber em nossas pesquisas, que nas páginas do periódico pulsavam os sonhos, os projetos, as idéias, as esperanças, a vida, enfim. Perceber como viveram, como era o mundo que as cercava, foi de grande relevância em nossa pesquisa.

As mudanças que marcaram o comportamento feminino, ocorrido ao longo da primeira metade do século passado, sinalizaram para o estabelecimento de uma nova ordem na história das relações entre homens e mulheres contemporâneos.

As lutas femininas ocuparam os mais diversos espaços da sociedade, ganhando um novo perfil de ação e as conquistas foram diversas. No entanto, romper com a discriminação, a desigualdade e a submissão construída a milênios pela sociedade não é tarefa fácil. Neste sentido, podemos perceber que apesar dos anos que se passaram desde a criação da revista ela pode ser considerada extremamente moderna e completamente, pois ainda hoje a mulher continua reivindicando a mudança de valores enraizados na sociedade e isso implica numa luta longa, exaustiva e constante. É necessário que os homens, geradores de submissão, também participem dessa luta. Ao permitir à mulher o gozo pleno de sua autonomia o homem também ganha outras liberdades, ganha também, a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Violeta. Revista feminina. Cuiabá. (1916-1950).

ALMEIDA, Maria Inês Parolin de. *A Nação em A Violeta: um roteiro de leitura.* Mestrado IEL/UNICAMP. São Paulo, 2003.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade.* São Paulo. Cia. E ditora Nacional, 1976.

_____. *Literatura e Resistência.* São Paulo. Companhia das Letras, 2002.

BADINTER, Elisabeth. *Um é o outro; relações entre homens e mulheres;* tradução Carlota Gomes. – Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.

FREIRE, Otávio Bandeira de Lamônica. *Revista A Violeta: um estudo de mídia impressa e gênero.* Mestrado UNIP. São Paulo, 2007.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato-Grosso: século XX.* Cuiabá/MT, Unicen Publicações, 2001.

MARQUES, Ana Maria. *Ora femininas, ora feministas: Narrativas de mulheres na revista “A Violeta”,* in **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo, UNESP. 2003.

NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor.* Rio de Janeiro, Sette Letras, 1993.

_____. *Estudos Literários em Jornais e revistas.* Cuiabá/MT, Entrelinhas, 2009.

_____. *Presença de Mulher.* Rio de Janeiro, Lidador, 2004.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. *Imagens femininas nos jornais mato-grossenses (!937-!945).* Identidade e controle Social. UFGD, Dourados/MS, 2007.